

# RISCO PSICOSSOCIAL NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: ENFOQUE CLÍNICO DAS RELAÇÕES ENTRE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E SAÚDE MENTAL

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar como as relações entre saúde mental e precarização laboral na docência universitária podem expandir o debate sobre a noção de risco psicossocial. O entendimento de risco parte de pressupostos epistemológicos da psicologia do trabalho de base histórico-cultural clínica. O estudo teve como método a revisão bibliográfica narrativa, circunscrevendo contribuições de análises clínicas do trabalho no campo universitário público latinoamericano, desde o diálogo combinado entre qualidade do trabalho e saúde laboral. Foram analisados 14 textos selecionados a partir dos descritores: risco psicossocial, clínicas do trabalho, precarização, saúde, saúde mental, diagnóstico, psicologia do trabalho. Os resultados apontam a importância do adensamento teórico à noção de risco psicossocial no trabalho vinculado ao olhar histórico-cultural clínico. Evoluindo da ideia de um construto com foco exclusivo no indivíduo como fator problema, ou da organização descontextualizada de seu ambiente, para a perspectiva que passa a compreender o trabalhador como aquele que reabsorve o trabalho e, sobretudo, mobiliza os recursos da organização, mas também seus próprios recursos de sujeito que age diante dos desafios contemporâneos em um panorama de precarização social.

**Palavras-chave:** Risco psicossocial. Docência universitária. Precarização do trabalho. Saúde mental. Clínica do trabalho.

## PSYCHOSOCIAL RISK IN UNIVERSITY TEACHING: CLINICAL FOCUS ON THE RELATIONSHIP BETWEEN PRECARIOUS WORK AND MENTAL HEALTH

### ABSTRACT

The present work aimed to analyze how the relationships between mental health and job insecurity in university teaching can expand the debate on the notion of psychosocial risk. The understanding of risk is based on epistemological assumptions from the psychology of clinical historical-cultural work. The method of the study was a narrative bibliographic review, circumscribing contributions from clinical analyzes of work in the Latin American public university field, from the combined dialogue between work quality and occupational health. 14 texts selected based on the descriptors were analyzed: psychosocial risk, work clinics, precariousness, health, mental health, diagnosis, work psychology. The results point to the importance of theoretical deepening of the notion of psychosocial risk in work linked to the clinical historical-cultural perspective. Evolving from the idea of a construct with an exclusive focus on the individual as a problem factor, or the organization decontextualized from its environment, to the perspective that starts to understand the worker as the one who reabsorbs the work and, above all, mobilizes the organization's resources, but also their own resources as a subject who acts in the face of contemporary challenges in a panorama of social precariousness.

**Raquel Alves Santos**  
Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Docente da Universidade Federal da Paraíba  
raquel.alves@ufrn.br

**Jorge Tarcísio da Rocha Falcão**  
Docente e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
e-mail: falcao.jorge@gmail.com

**Élida Dantas do Nascimento Cortês Bonifácio**  
Docente do Centro Universitário Maurício de Nassau Natal/RN  
elida\_dantas14@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A saúde mental relacionada ao trabalho constitui um campo específico de pesquisa que vem se destacando e ganhando importância nos estudos do trabalho em nosso país (Bernardo, 2014; Dall'Asta; Gutiérrez, 2017). A partir de diferentes perspectivas teóricas, realizam-se esforços significativos para conhecer e compreender os vínculos entre saúde mental e trabalho, a incidência das condições de trabalho no surgimento de doenças laborais, o estudo da legislação e políticas de proteção e, nos últimos anos, a importância que adquirem os fatores de risco psicossociais à saúde mental dos trabalhadores (Pujol, 2022; Roa-Cárdenas; González-Puebla, 2022).

No entendimento de Dall'Asta (2021), Santos et al. (2021) e Santos (2022) investigações acerca dos problemas trabalhistas em nosso país, como em grande parte dos países latinoamericanos, concentram-se na relação entre qualidade do trabalho e saúde laboral. Compreendem que a qualidade do trabalho se define, ao menos em parte, em função das possibilidades de construção de sentido, de mobilização subjetiva, oferecidas aos sujeitos pela organização do trabalho.

Assim, a organização do trabalho favorece, em maior ou menor grau, a configuração de um trabalho de qualidade, que satisfaça necessidades e possibilite o desenvolvimento dos trabalhadores. Isso implica na capacidade de indivíduos e grupos atuarem na busca do equilíbrio adequado entre

trabalho e demais esferas da vida (Santos et al., 2021).

Num cenário em que quase um terço da população ativa tem acesso a empregos frágeis, com baixa remuneração e produtividade, na qual se verifica significativa reconfiguração na organização das atividades e ofícios e a emergência de empregos atípicos, as novas formas da organização do trabalho trazem consigo importantes componentes de intensificação do ritmo de trabalho.

O não reconhecimento das conquistas, a deterioração e precarização das condições e ambiente de trabalho figuram como consequência da redução de custos, ou da complexidade dos processos de terceirização (Pujol, 2022; Dall'Asta; Gutiérrez, 2017).

Logo, as consequências destas práticas se evidenciam, tanto no nível da saúde física, quanto no plano da subjetividade. No sofrimento psíquico associado às condições em que se trabalha atualmente, essencialmente no que se refere ao sentimento de que “cuidar” do emprego significa “aceitar”, e em muitos casos, “naturalizar” demandas e condições insatisfatórias, configurando-se, dessa maneira, uma experiência de que progredir ou obter melhorias na carreira, significa enfrentar e resolver um conjunto importante de contradições individuais e coletivas (Goren; Gutiérrez, 2022; Pujol, 2022; Dall'Asta; Gutiérrez, 2017).

Nesse sentido, a articulação saúde e trabalho requer, na atualidade, reconhecer quais concepções de emprego/trabalho/atividade e quais

concepções de sujeito permitem dar conta da relação entre trabalho e subjetividade (Pujol, 2022). Além disso, como essa diáde pode dar conta do problema da saúde mental do trabalhador, a partir de uma melhor compreensão das contradições e tensões que marcam as trajetórias singulares e coletivas dos trabalhadores e como o bem-estar e o sofrimento que o trabalho implica se materializam em sujeitos e grupos social e historicamente situados (Goren; Gutiérrez, 2022; Santos, 2022).

Essas inquietações têm como ponto de partida um estudo doutoral sobre as relações entre mobilização subjetiva, processos de desenvolvimento, empobrecimento do trabalho, sofrimento psicológico e situações que podem levar à ineficácia no trabalho e a sua precarização. Seu desenvolvimento exigiu uma análise das contribuições que dominam a pesquisa sobre saúde laboral latinoamericana no contexto da téttrade na docência universitária pública (articulação do trabalho docente no ensino, pesquisa, extensão e gestão), a fim de ressignificar a singularidade das contribuições desde a perspectiva clínica do trabalho.

Portanto, o estudo atual teve por objetivo analisar como as relações entre saúde mental e precarização laboral na docência universitária podem expandir o debate sobre a noção de risco psicossocial. Ele foi realizado a partir de pressupostos epistemológicos da psicologia do trabalho de base histórico-cultural clínica, numa perspectiva desenvolvimental, de modo que cuidar do trabalho seja transformar a organização do trabalho e o processo de produção de saúde simultaneamente.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Diante das novas conformações que o trabalho vem assumindo, desde a década de 1970, os fatores que favorecem aos riscos psicossociais no trabalho passaram a se configurar como tema emergente em diferentes cenários. Sua relevância vem sendo reconhecida gradativamente por governos, acadêmicos, organizações e sindicatos. Estas alterações começam a ser demarcadas pela Terceira Revolução Industrial que afeta estruturalmente a sociedade, conferindo um modelo de relações econômicas e sociais distinto, no contexto do neoliberalismo.

Nesse sentido, tais mudanças têm sido impulsionadas por novas formas de gestão com foco na competitividade, na performance, na otimização de recursos e flexibilidade, e ainda, pela constante inovação tecnológica, ambas situadas em um quadro de globalização intensa e constantes crises econômicas e sociais (Bendassoli; Da Rocha Falcão, 2013; Pujol; Federico; Saraiva, 2012).

Seguindo essa compreensão, a Organização Internacional do Trabalho – OIT (1984) publicou o primeiro documento oficial tratando especificamente dos riscos psicossociais no trabalho, alertando para sua incidência crescente e para necessidade de intervenção. Após décadas de pesquisas produzidas, cabe ressaltar aqui ser perceptível ter havido uma ampliação das discussões práticas, políticas e organizacionais a respeito dos riscos psicossociais e sua repercussão na saúde dos trabalhadores, destacando-se a relevância e atualidade desta temática tanto para o âmbito acadêmico quanto para o âmbito social.

Porém, de acordo com Moreno et al. (2015), a produção sobre riscos psicossociais no

trabalho é predominante em pesquisas conduzidas nos campos da medicina, epidemiologia e saúde pública. Essas premissas permearam, como inquietações, a minha prática profissional e de pesquisa.

Ou seja, a partir das experiências atuando na área de gestão de pessoas: desenvolvimento de pessoas e qualidade de vida no trabalho, somadas a um conhecimento e interesse no domínio da psicologia do trabalho, no campo do mestrado e doutorado e da especialização em saúde mental, alguns questionamentos começaram a emergir, tal como, o debate sobre risco psicossocial, a partir de um olhar clínico, não só no sentido de promover a organização do trabalho, mas sendo um elemento de mudanças do coletivo, do gênero profissional, do ofício, relacionado com a manutenção da saúde do trabalhador para que possam cuidar do trabalho, cuidando de si e do coletivo.

Assim sendo, ampliar o debate sobre a noção de risco psicossocial, circunscrevendo as contribuições das clínicas do trabalho no campo da psicologia, torna-se um tema atual e de extrema relevância, considerando que a perspectiva clínica se inscreve nas tradições da psicologia social e crítica e promove uma abordagem centrada na subjetividade como produção social. A partir desses referenciais teóricos, o tema saúde-trabalho é abordado considerando sua inscrição sócio-histórica, incluindo tanto o sofrimento e os impactos negativos do trabalho na saúde, quanto as possibilidades de enfrentamento disponíveis aos sujeitos e o potencial terapêutico das atividades laborais.

### **3. METODOLOGIA**

O método de pesquisa, de acordo com Wazlawick (2008), destina-se a apresentar uma sequencial de etapas que, ao ser seguida, leve a resultados que estejam coerentes com o objetivo proposto. Dessa forma, faz-se necessário realizar uma investigação planejada, com os métodos adequados para que se possa obter o conhecimento.

Nesse sentido, Gil (2007, p. 26) define pesquisa “como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, sendo seu objetivo fundamental descobrir respostas para determinados problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Face a essas considerações, em sua natureza, o presente estudo é considerado uma pesquisa exploratória que propõe a análise de algumas questões sobre uma problemática com fundamentação teórica já construída, visto que pode ser extraída com base em análise da literatura de livros, artigos científicos, publicação em revistas físicas ou eletrônicas, dissertações, teses, jornais etc. (Creswell, 2010).

Posto isso, a metodologia escolhida para realização do presente projeto foi a revisão bibliográfica narrativa. A revisão narrativa é adequada para analisar e questionar sobre um assunto, em uma perspectiva teórica ou contextual.

Para esse tipo de revisão não são exigidos critérios rígidos para sua elaboração, o que proporcionará ao pesquisador flexibilidade em escolher a temática, bem como enumerar os critérios de inclusão e exclusão para direcionar a pesquisa. Ademais, é necessária e primordial a verificação da veracidade dos dados obtidos, no sentido de observar as possíveis incoerências ou

contradições que as obras possam apresentar (Prodanov; Freitas, 2013).

Sob essa ótica, do ponto de vista dos objetivos, foram definidos alguns critérios, tais como: os de exclusão, compostos por plataformas que só disponibilizem conteúdo de forma paga; artigos que não estejam no idioma português e espanhol; e que não se encontrem em repositórios acadêmicos, bem como os de inclusão: materiais que circunscrevam a temática da pesquisa, artigos com demarcações temporais de 2013 a 2023, livros com demarcações de ano e data livre, as plataformas digitais, os periódicos eletrônicos em Psicologia, a (PePSIC) – revista psicológica ciência e profissão, revista laboreal e o Scientific Electronic Library Online (SciELO) e repositórios Acadêmicos.

Seguindo esse processo, para o direcionamento da temática dessa pesquisa foram estipulados os seguintes descritores: risco psicossocial, clínicas do trabalho, precarização, saúde, saúde mental, diagnóstico, psicologia do trabalho. Estes descritores foram utilizados de forma combinada para obtenção de textos mais dirigidos ao tema em estudo. Assim sendo, este trabalho começou a ser elaborado em março de 2023 e sua finalização em novembro do corrente ano.

Feitas essas considerações, por fim, para o desenvolvimento dessa revisão bibliográfica foi necessária a realização de uma pré-análise do material, a partir da leitura prévia dos títulos e resumos dos artigos, bem como a leitura dos títulos e introduções dos capítulos de livros que foram selecionados com base na temática do trabalho.

Após eleger os textos, os dados foram organizados por meio de fichamentos contendo as principais ideias, percepções e interpretações dos autores. Em seguida, os resultados do estudo foram organizados em tópicos relacionados ao tema do projeto, com o intuito de analisar as considerações mais relevantes e o potencial para ser utilizado em novos estudos, bem como a possibilidade de contribuírem para a construção de uma nova visão sobre o tema.

Nota(s) de rodapé: destinam-se a prestar esclarecimentos, tecer considerações, que não devem ser incluídas no texto, para não interromper a sequência lógica da leitura. Referem-se aos comentários e/ou observações pessoais do autor e são utilizadas para indicar dados relativos à comunicação pessoal.

As notas são reduzidas ao mínimo e situar no final da página. Para fazer a chamada das notas de rodapé, usam-se os algarismos arábicos, em negrito, sobrescrito, com numeração progressiva nas folhas.

Referências: devem ser colocadas ao final do trabalho, classificadas em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, com alinhamento à margem esquerda, entrelinhas simples e espaçamento simples entre elas, observando-se a NBR 6023 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002).

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Conforme destacado na última sessão, o estudo teve como método a revisão bibliográfica narrativa, circunscrevendo contribuições de análises clínicas do trabalho no campo universitário público, a partir do diálogo

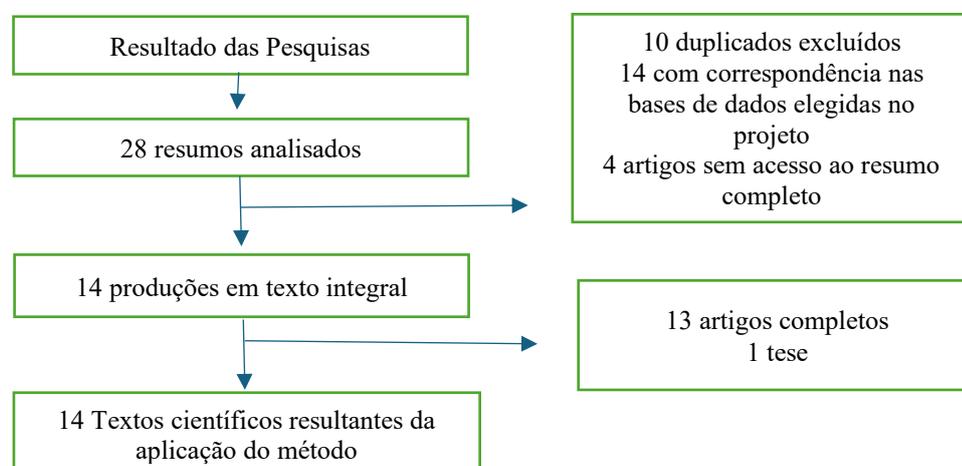
combinado entre qualidade do trabalho e saúde laboral.

Partindo desses elementos, alguns questionamentos começaram a emergir, tal como, o debate sobre risco psicossocial, diante de um olhar clínico, não só no sentido de promover a organização do trabalho, mas sendo um elemento de mudanças do coletivo, do gênero profissional, do ofício, relacionado com a manutenção da saúde do trabalhador para que possam cuidar do trabalho, cuidando de si e do coletivo.

Nessa conjuntura, a revisão narrativa foi adequada para analisar e questionar sobre um assunto, em uma perspectiva teórica ou contextual (Prodanov; Freitas, 2013).

Desta forma, foram incluídos 13 artigos e 1 tese na análise, conforme figura 1 e quadro 1, com demarcações temporais de 2013 a 2023 e publicações nos periódicos indexados nas bases de dados Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Dialnet, Revista Laboreal e repositórios acadêmicos. A busca dos textos foi realizada por meio dos descritores: risco psicossocial, clínicas do trabalho, precarização, saúde, saúde mental, diagnóstico, psicologia do trabalho.

**Figura 1** - Fluxograma – aplicação dos critérios de inclusão e exclusão aos estudos pesquisados



Fonte: elaborada pela autora.

**Quadro 1** - Critérios de inclusão e exclusão de estudos sobre risco psicossocial na docência universitária

Critérios	
Inclusão	Exclusão
Materiais que circunscrevam a temática da pesquisa, artigos com demarcações temporais de 2013 a 2023	Plataformas que só disponibilizem conteúdo de forma paga
Livros com demarcações de ano e data livre.	Artigos que não estejam no idioma português e espanhol
Plataformas digitais, os periódicos eletrônicos em Psicologia, (PePSIC) – revista psicológica ciência e profissão, revista laboreal e o Scientific Electronic Library Online (SciELO) e repositórios Acadêmicos	Artigos que não se encontrem em repositórios acadêmicos

Fonte: elaborada pela autora.

Todas as informações dos textos selecionados para realização desse trabalho estão listadas na tabela 1 com informações acerca da Autoria/Ano de publicação; Título; Principais resultados e Categoria que envolvem Riscos psicossociais. Assim sendo, serão apresentados os dados encontrados ao longo da realização do

trabalho, a partir de três categorias: Precarização do trabalho e saúde mental; Discussão clínica sobre a noção de risco psicossocial no trabalho; e Contribuições latinoamericanas das clínicas do trabalho: alcances e desafios.

**Tabela 1** - Resumo da informação dos 14 textos incluídos sobre risco psicossocial na docência universitária x categoria

Autoria/ Ano de publicação	Título	Principais resultados	Categoria
BERNARDO, Marcia Hespanhol (2014)	Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes	Comprometimento da saúde mental; precarização no trabalho; sofrimento e alienação no trabalho; adoção de táticas individuais para possibilitar a sobrevivência no trabalho	Discussão clínica sobre a noção de risco psicossocial no trabalho
DALL'ASTA, Constanza e GUTIÉRREZ, María Inés (2017)	La actividad del docente de educación superior desde una perspectiva clínica	Mercantilização do trabalho docente; comprometimento da saúde mental; precarização no trabalho; sofrimento e alienação no trabalho; adoção de táticas individuais para possibilitar a sobrevivência no trabalho. A avaliação do trabalho por meio da produtividade e performance	Precarização do trabalho e saúde mental Contribuições latinoamericanas das clínicas do trabalho: alcances e desafios
DALL'ASTA, Constanza (2021)	Artigo: El lugar de los saberes de oficio en la Precarización de las experiencias de trabajo	Naturalização e normalização da precarização objetiva e subjetiva, característico de subjetividades forjadas pelo modelo de gestão gerencialista; dificuldades para a construção e reconstrução de um gênero profissional, por necessidade em priorizar a própria carreira individual.	Precarização do trabalho e saúde mental Contribuições latinoamericanas das clínicas do trabalho: alcances e desafios
GOREN, Daniela e GUTIÉRREZ, María Inés (2022)	Artigo: Violencia laboral en la actividad docente de la UNC: Una mirada clínica a la organización del trabajo	Massificação do trabalho; avaliação da carreira com base na produção, na performance; a intensidade no trabalho Atividade impedida, ao insucesso, por não cumprimento dos prazos irrealistas estabelecidos.	Precarização do trabalho e saúde mental Contribuições latinoamericanas das clínicas do trabalho: alcances e desafios
GUIMARÃES-FERREIRA, Carla (2015)	Artigo: Relação entre produtivismo acadêmico e adoecimento docente	Comprometimento da saúde mental; precarização no trabalho; sofrimento e alienação no trabalho; massificação das atividades de trabalho; e Processo de individualismo e espírito competitivo desmedido.	Precarização do trabalho e saúde mental
MOURA, Juliana da Silva et al. (2019)	A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal	Comprometimento da saúde mental; precarização do trabalho; naturalização e normalização da precarização do trabalho.	Precarização do trabalho e saúde mental

PUJOL, Andrea (2022)	La conquista de la salud laboral de los docentes universitarios en el horizonte de transformaciones del oficio	Comprometimento da saúde mental; precarização do trabalho; naturalização e normalização da precarização do trabalho, principalmente no que diz respeito às exigências definidas pela organização do trabalho: capitalismo acadêmico, gerencialismo universitário, massificação da educação (avaliação/produção); individualização e performance no trabalho.	Discussão clínica sobre a noção de risco psicossocial no trabalho
			Contribuições latinoamericanas das clínicas do trabalho: alcances e desafios
PUJOL-COLS, Lucas et al. (2019)	Riesgos Psicosociales en la Profesión Académica: Un análisis interpretativo del discurso de docentes universitarios argentinos	Comprometimento da saúde mental; precarização do trabalho; naturalização e normalização da precarização do trabalho.	Discussão clínica sobre a noção de risco psicossocial no trabalho
RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos et. al. (2021)	Trabalho na educação superior: precarização e resistências	Comprometimento da saúde mental; precarização do trabalho; naturalização e normalização da precarização subjetiva do trabalho.	Precarização do trabalho e saúde mental
RISSI, Vanessa; MONTEIRO, Janine Kieling; FERREIRA, Vinicius Renato Thomé (2020)	Riscos psicossociais no trabalho em programas de pós-graduação stricto sensu públicos e privados	Comprometimento da saúde mental; precarização do trabalho; naturalização e normalização da precarização subjetiva do trabalho; maior sofrimento patogênico (falta de reconhecimento) e mais danos sociais e físicos.	Discussão clínica sobre a noção de risco psicossocial no trabalho
ROA-CÁRDENAS, Fabio Lorenzo; GONZÁLEZ-PUEBLA; Francisco Javier (2022) Espanha, América Central e do Sul	Revisión de investigaciones sobre riesgo psicosocial en docentes universitarios	O risco psicossocial que afeta os professores universitários está relacionado com o comprometimento da saúde mental; precarização subjetiva do trabalho; naturalização e normalização da precarização do trabalho	Precarização do trabalho e saúde mental
			Discussão clínica sobre a noção de risco psicossocial no trabalho
SANTOS, Raquel Alves et al. (2021)	Nuevos ajustes de actividad humana: contribuciones de los enfoques clínicos al trabajo para comprender el mundo laboral en la pandemia del COVID-19	Os estudos apontam a existência de fragilidade no gênero profissional docente/gestor, que deve conciliar atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão; comprometimento da saúde mental; precarização subjetiva e objetiva do trabalho; naturalização e normalização da precarização do trabalho.	Precarização do trabalho e saúde mental
			Contribuições latinoamericanas das clínicas do trabalho: alcances e desafios
SANTOS, Raquel Alves (2022)	Abordagem clínica da mobilização de competências na atividade de trabalho do docente/gestor		Precarização do trabalho e saúde mental
			Contribuições latinoamericanas das clínicas do trabalho: alcances e desafios

SILVA, Eduardo Pinto (2015)	Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas	Comprometimento da saúde mental; precarização subjetiva e objetiva do trabalho; naturalização e normalização da precarização do trabalho. Identificação de doenças psicossomáticas atreladas ao adoecer relacionado ao sofrimento e aos impedimentos ético-políticos no trabalho	Discussão clínica sobre a noção de risco psicossocial no trabalho
-----------------------------	--	---	---

Fonte: elaborada pela autora.

### 3.1 Precarização do trabalho e saúde mental

O Trabalho é considerado como um cenário privilegiado de mediação entre o campo social e a economia psíquica. Ele pode contribuir tanto para a manutenção do equilíbrio psíquico, como incidir na fragilização subjetiva e no surgimento de diversos adoecimentos que afetam a saúde mental (Goren; Gutiérrez, 2022). Retomando essa ótica e trazendo o debate para o contexto universitário público, nos deparamos com os efeitos desagregadores das políticas neoliberais, como os processos de precarização do espaço público nas universidades latino-americanas (Guimarães-Ferreira, 2015).

Essas políticas, no âmbito da educação, foram se modificando, admitindo novas características em função das alterações nas recomendações dos organismos internacionais, hoje apresentadas como um conjunto de legislações e programas que criam políticas ditas inclusivas; flexibilizam a formação por meio da oferta de novas modalidades de cursos; constituem o empreendedorismo como cultura a ser disseminada pela universidade; propagam o gerencialismo; a tétrede na gestão universitária, precarizam as relações de trabalho nas universidades públicas (Santos et al., 2021; Santos, 2022).

Diante dessa mercantilização capitalista na educação superior, fica clara a centralidade do trabalho na estruturação da subjetividade (Dall'Asta, 2021). Considerando que, na nova organização do trabalho, que torna, de alguma maneira, as 24 horas do dia em horário de trabalho, ainda que temporal e espacialmente fora dele, trabalho, subjetividade e sobre-exploração ficam, neste espaço, portanto, intimamente ligados (Moura et al., 2019; Goren; Gutiérrez, 2022).

Nesse sentido, os estudos bibliográficos realizados a partir de Moura et al., (2019), Rissi et al., (2020), Dall'Asta; Gutiérrez (2017), Goren; Gutiérrez (2022), Ribeiro et al. 2021, mostram um aumento importante de dois grandes grupos de problemas que mudaram o panorama epidemiológico em relação à saúde do trabalhador nos últimos anos: I. aquelas relacionadas à sobrecarga e intensificação do trabalho, que estão intimamente ligadas a diversas condições osteomusculares, bem como à Burnout, doenças do sistema vascular e circulatório ou cardíaco; II. problemas derivados dos fenômenos de violência e assédio no trabalho e III. seus desvios: transtornos de estresse pós-traumático, transtornos de ansiedade, depressões e suicídios relacionados ao trabalho.

No percurso retratado, trazendo a subjetividade para a esfera da análise do trabalho como dispositivo clínico de pesquisa e

intervenção, os esforços são em pensar as relações entre trabalho, subjetividade e saúde a partir de autores franceses, com destaque para quadros psicopatológicos configurados, como o fizeram Le Guillant, Claude Weil e Paul Sivadon, a partir da primeira metade do século passado, mas também se ocupando do assunto pela via de uma psicodinâmica, em que a categoria central em análise é o sofrimento psíquico (Roa-Cárdenas; González-Puebla, 2022). É a partir de Yves Schwartz, desenvolvendo a Ergologia, e Yves Clot, a Clínica da atividade, que se inicia um novo conceito no âmbito das Clínicas do Trabalho: a abordagem da atividade (Goren; Gutiérrez, 2022).

Assim sendo, a revisão conduzida neste artigo apresenta uma compreensão no campo de estudos da psicologia do trabalho como uma esfera em que a análise do trabalho é central. O trabalho é entendido como um objeto arquitetado a cada situação, ou melhor, o foco está no processo de trabalhar, “a atividade com seu movimento e singularidade, subjetividade” (Santos, 2022, p. 5).

Nesse sentido, a análise aqui realizada demonstra que o aumento das patologias possui um possível denominador comum, conforme figura 2: os métodos de organização e gestão do trabalho. Estas são as modalidades de dominação postas em prática pelo trabalho mediante estratégias gerenciais específicas que expõem o psiquismo as novas exigências e as renovadas situações de desestabilização subjetiva (Dall’Asta; Gutiérrez, 2017; Moura et al., 2019; Dall’Asta, 2021; Santos et al., 2021; Santos, 2022; Pujol, 2022; Goren; Gutiérrez, 2022; Roa-Cárdenas; González-Puebla, 2022).

Estes autores, em resumo, destacam a precarização do trabalho como elemento central na produção do sofrimento psíquico, e definem a avaliação do desempenho individual associada ao produtivismo e a performance como fator primordial nesse processo.

Ressaltam ainda a massificação das atividades da docência, a competitividade desmedida e a percepção do outro como ameaça, a sobrecarga de trabalho, dupla jornada e injustiça distributiva como aspectos que contribuem para o adoecimento mental em contexto laboral.

Ademais, retratam que muitos docentes aceitam e até buscam a sobrecarga de trabalho, o produtivismo e a racionalidade instrumental, envolvendo-se demais para preservar suas carreiras, característico de subjetividades forjadas pelo modelo de gestão gerencialista.

Diante do quadro delineado, a atividade de docência universitária foi uma via importante para resgatar o debate sobre adoecimento mental relacionado à precarização laboral, que, nesse contexto, foi constitutiva de uma normalidade possível na atividade de trabalho do docente, e, ao mesmo tempo, fundamental e funcional para o contexto de neoliberalismo (Dall’Asta, 2021).

A saúde mental da maioria dos trabalhadores, diante de toda as circunstâncias da organização do trabalho, parou de ser focada na doença e voltou-se para a “normalidade do sofrimento<sup>1</sup>” e para a defesa contra o sofrimento e, assim, foi encontrada uma permanente tensão e equilíbrio entre o sofrimento e as defesas contra ele (Guimarães-Ferreira, 2015).

---

<sup>1</sup> Tradução livre da autora a partir de “normalidad sufriente” (Dall’Asta; Gutiérrez, 2017, p. 20).

Nesse movimento entre um trabalho desgastante e, ao mesmo tempo, a busca pela qualidade do trabalho, as novas formas de organização do trabalho e os novos modelos de gestão, com características como o culto à qualidade total e as avaliações individualizadas de desempenho, bem como seus efeitos insalubres na saúde dos trabalhadores, têm trazido como consequência a desarticulação dos coletivos de trabalho e a desconfiança entre os trabalhadores decorrente da lógica de competição/concorrência entre os sujeitos, minando as dinâmicas de reconhecimento, tal como preconizado pelo neoliberalismo (Guimarães-Ferreira, 2015; Santos, 2022).

Frente a essas novas perspectivas levantadas e às novas conformações que o trabalho vem assumindo, desde a década de 1970, os fatores que favorecem aos riscos psicossociais no trabalho passaram a se configurar como tema emergente em diferentes cenários.

### 3.2 Discussão clínica sobre a noção de risco psicossocial no trabalho

Em detrimento do exposto, sua relevância vem sendo reconhecida gradativamente por governos, acadêmicos, organizações e sindicatos. Estas alterações começam a ser demarcadas pela Terceira Revolução Industrial que afeta estruturalmente a sociedade, conferindo um modelo de relações econômicas e sociais distinto, no contexto do neoliberalismo (Bernardo, 2014; Dall’Asta, 2021; Pujol, 2022).

Ainda de acordo com os autores supracitados, nesse sentido, tais mudanças têm sido impulsionadas por novas formas de gestão com foco na competitividade, na performance, na

otimização de recursos e flexibilidade, e ainda, pela constante inovação tecnológica, ambas situadas em um quadro de globalização intensa e constantes crises econômicas e sociais.

Seguindo essa compreensão, de acordo com Silva (2015), Pujol-Cols et al. (2019) e Rissi, Monteiro e Ferreira (2020), a Organização Internacional do Trabalho – OIT em 1984 publicou o primeiro documento oficial tratando especificamente dos riscos psicossociais no trabalho, alertando para sua incidência crescente e para necessidade de intervenção. Após décadas de pesquisas produzidas, cabe ressaltar aqui ter havido uma ampliação das discussões práticas, políticas e organizacionais a respeito dos riscos psicossociais e sua repercussão na saúde dos trabalhadores, destacando-se a relevância e atualidade desta temática tanto para o âmbito acadêmico quanto para o âmbito social.

As definições utilizadas pela OIT e a Organização Mundial de Saúde (OMS), caracterizam o psicossocial como fatores, ou melhor, como um conjunto de elementos que se encontram ao redor do trabalhador e que podem desencadear algum possível dano à saúde, ou seja, o foco tem prevalência no indivíduo e está ligado a três níveis: como condições causais; como processos que mediam - o caso do estresse; e em termos das consequências - os danos à saúde (Rissi; Monteiro; Ferreira, 2020).

Ainda, segundo os mesmos autores, apesar da prevalência desse modelo, frente a complexidade do tema, a integração de perspectivas teóricas diferentes se apresenta como necessária, principalmente as associadas a dispositivos de análise de fatores de risco que desenvolvam uma interlocução entre os níveis do

indivíduo, da organização e do contexto micro e macrossocial onde a organização se insere.

Assim, ampliar o debate sobre a noção de risco psicossocial, circunscrevendo as contribuições das clínicas do trabalho no campo da psicologia, torna-se um tema atual e de extrema relevância, considerando-se que a perspectiva clínica se inscreve nas tradições da psicologia social e crítica e promove uma abordagem centrada na subjetividade como produção social. A partir desses referenciais teóricos, conforme circunscrito na tabela 1, o tema saúde-trabalho é abordado considerando sua inscrição histórico-cultural, incluindo tanto o sofrimento e os impactos negativos do trabalho na saúde, quanto as possibilidades de enfrentamento disponíveis aos sujeitos e o potencial terapêutico das atividades laborais.

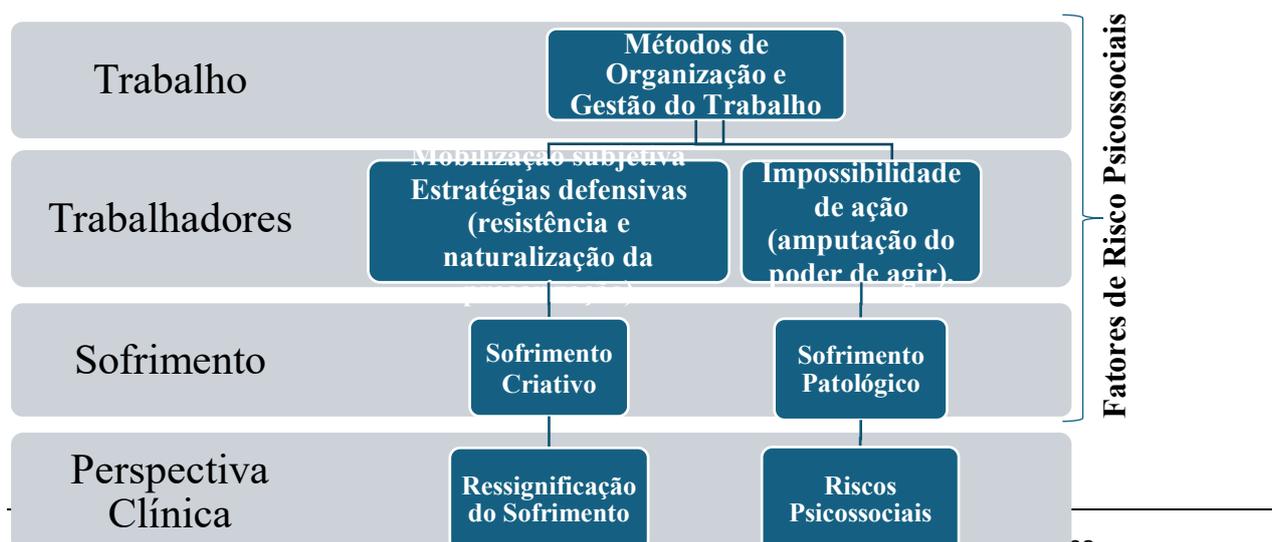
Nesse contexto, no âmbito das clínicas do trabalho, as contribuições sobre saúde laboral na América Latina construíram um enfoque renovador constituído na problematização dos nexos entre saúde, meio ambiente e organização do trabalho, vinculados ao novo ciclo de expansão do capital, mundializado e financerizado, que desencadeia, direta ou indiretamente, degradação

ambiental, agravos à saúde, sofrimento e adoecimento no trabalho, no contexto da reestruturação produtiva em curso (Goren; Gutiérrez, 2022; Santos et al., 2021; Pujol, 2022; santos, 2022; Roa-Cárdenas; González-Puebla, 2022).

Nesta noção, são incluídas múltiplas dimensões que não só se relacionam com o cuidado da saúde dos trabalhadores e a resolução de conflitos advindos desta problemática, mas pela preocupação com as atividades de prevenção inclinadas a reduzir ou limitar os riscos laborais (Goren; Gutiérrez, 2022; Pujol, 2022).

A partir da perspectiva clínica, como mostra a figura 2, o núcleo da discussão sobre o enfoque dos riscos enfatiza os pressupostos que permitam considerar a dimensão psicossocial com igualdade aos demais fatores e proporcionar uma visão ampliada acerca de três questões: a complexidade das relações de sujeitos e organização do trabalho na dinâmica da atividade laboral; a noção de saúde e a implicação mútua entre saúde física e psíquica; e o psicossocial e a subjetividade (Goren; Gutiérrez, 2022; Santos et al., 2021; Pujol, 2022; Santos, 2022).

**Figura 2** - Proposição da perspectiva clínica sobre a concepção de fatores de riscos psicossociais



### 3.3 Contribuições latinoamericanas das clínicas do trabalho: alcances e desafios

Face aos entendimentos apresentados, diversos estudos latinoamericanos voltados a discutir e a problematizar o risco psicossocial dentro da perspectiva clínica os equiparam aos recursos psicológicos e sociais que são próprios dos trabalhadores e que surgem do ofício como dispositivo de trabalho.

Esta concepção opera como disparadora no intuito de questionar a ótica de riscos e propor uma visão do trabalhador como (co)construtor das mudanças ocorridas na sua atividade laboral e sujeito emocionalmente implicado e ativo em respeito aos riscos no trabalho (Dall´Asta; Gutiérrez, 2017; Pujol - Cols, 2019; Moura et al., 2019; Dall´Asta, 2021; Santos et al., 2021; Santos, 2022; Pujol, 2022; Goren; Gutiérrez, 2022; Roa-Cárdenas; González-Puebla, 2022).

Nessas circunstâncias, a organização do trabalho necessita transformar para compreender, apropriando-se do trabalho de organização que realizam seus próprios trabalhadores para realizar a atividade bem-feita<sup>2</sup>, uma vez que os trabalhadores cultivam os recursos psicológicos e sociais de seu ofício como instrumento laboral.

Na atividade bem-feita considera-se a qualidade do trabalho realizado como fonte de saúde, no sentido de fazer trabalhar os trabalhadores para cuidarem do trabalho,

transformar suas condições de realização, favorecendo para que o processo de trabalhar seja recurso e resultado de um permanente percurso de desenvolvimento dos ofícios, das equipes e dos sujeitos (Santos et al., 2021; Santos, 2022; Pujol, 2022; Roa-Cárdenas; González-Puebla, 2022).

Desta forma, a aproximação entre a perspectiva clínica do trabalho e o construto risco psicossocial põe em destaque um debate que parte da visão médico científicista à perspectiva da psicologia do trabalho de base histórico-cultural clínica. Esta perspectiva, conforme figura 2, articula contribuições para a temática saúde-trabalho ao configurar o destino que este sofrimento terá (criativo ou patogênico), como um elemento determinante na dinâmica saúde-adoecimento. Considerando-se, assim, que todo trabalho implica riscos (Goren; Gutiérrez, 2022; Santos et al., 2021; Pujol, 2022; Santos, 2022; Roa-Cárdenas; González-Puebla, 2022).

Nesse movimento dinâmico, identificou-se que a concepção sobre a gestão pode ser considerada tanto como atividade bem-feita, e proporcionar a ampliação do poder de agir, a capacidade criativa e o reconhecimento de si próprio naquilo que se faz, a partir da apropriação da memória genérica de um trabalho em seus coletivos, quanto como o trabalho impedido, as paralisações ou as ‘armadilhas’ do real dessa atividade, gerando uma relação de saúde/mal-estar no trabalho (Santos, 2022).

---

<sup>2</sup> Aludida neste artigo, com base no ‘Trabalho bem-feito’, Clot (2007), “como uma atividade geradora de identidade e lugar social”.

Diante dessa perspectiva, a temática saúde/trabalho é apresentada considerando a sua circunscrição histórico-cultural, incluindo esse sofrimento e os impactos negativos do trabalho na saúde como possibilidades de desencontro entre o sujeito e sua atividade.

Nesse viés, o sofrimento passa a ser entendido como intimamente ligado à atividade bloqueada, ao trabalho impedido, aos dilemas e confrontos entre o sujeito da ação, que se constrói por meio de sua atividade e no contexto de uma organização do trabalho; e a impossibilidade de trabalhar conforme o próprio desejo e os ideais do coletivo de trabalho. Essa impossibilidade caracteriza-se como a imobilização, o sofrimento e o mal-estar ligados à amputação do poder de agir (Santos et al., 2021; Santos, 2022; Pujol, 2022).

Portanto, a compreensão de saúde passa a ser entendida não só como uma ênfase nas problemáticas individuais e nas causas e malefícios do sofrimento no trabalho e nos dispositivos de apoio, mas também a ser concebida como um deslocamento do sujeito que sofre em direção à atividade impedida, assim, entendendo, que é preciso cuidar do trabalho.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O reconhecimento do risco psicossocial representa um progresso na proteção à saúde do trabalhador. Neste marco, as perspectivas derivadas do enfoque clínico se constituem como um avanço ao enfatizar a subjetividade e a carga emocional no processo de trabalhar, uma vez que, historicamente, os estudos nesse campo priorizaram o entendimento das cargas físicas e mentais do trabalho a partir do ponto de vista

psicofisiológico, o que contribuiu para a compreensão de problemáticas clássicas como a fadiga e o estresse.

No entanto, a ausência inicial de uma visão clínica na análise das cargas físicas e mentais, invisibilizou o corpo como a primeira expressão da subjetividade e, com isso, da dimensão emocional.

Nessa relação de confrontação, o ponto central desta revisão foi o de valorizar a capacidade heurística das perspectivas clínicas do trabalho como recursos potentes para tematizar sobre o enfoque clínico das relações entre precarização do trabalho e saúde mental na América Latina, desde o debate sobre os riscos psicossociais no trabalho dos docentes universitários.

Com esse movimento, esta apresentação conceitual traz uma discussão epistemológica, ética e política para o adensamento do debate teórico a respeito da noção de risco psicossocial no trabalho. Evolui da ideia de um construto com foco exclusivo no indivíduo como fator problema, ou da organização descontextualizada de seu ambiente, para a perspectiva que passa a compreender o trabalhador como aquele que reabsorve o trabalho, assume responsabilidades, toma iniciativa, compartilha informações e, sobretudo, mobiliza os recursos da organização, mas também seus próprios recursos de sujeito que age diante dos desafios contemporâneos em um panorama de precarização social.

Feitas essas considerações, conforme já problematizado, delimitar conceitualmente os mecanismos que envolvem o risco psicossocial a partir da perspectiva histórico-cultural clínica tem implicações teóricas e empíricas relevantes,

principalmente para o desenvolvimento de estratégias eficazes de avaliação e intervenção nos contextos de trabalho.

Nesse sentido, o olhar clínico se coloca como uma proposta de formação reflexiva em diálogo com os atores sociais, as organizações, os trabalhadores, o governo, o campo intelectual, ao recuperar o papel dos trabalhadores na compreensão do sofrimento e do desconforto, ao entender a importância da (co)construção com coletivos de trabalhadores transformadores do conhecimento e ao refletir sobre o desafio de compreender o trabalho contemporâneo: que características ele possui, que implicações tem para a saúde, o que significa para os sujeitos, desde uma visão compreensiva e crítica, circunscrevendo o caráter social e histórico dos processos de subjetivação.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Marcia Hespagnol. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 129-139, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/ttnsStJfJYSPq4dbgxDcZhB/?lang=pt>>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.
- DALL'ASTA, C. El lugar de los saberes de oficio en la precarización de las experiencias de trabajo. In: CAVERO, C. P.; ARCE, L. T. (Org.), **Mundo Del Trabajo y Las Organizaciones en Transformación: Desafíos Sociales, Políticos y Éticos**. 1ª ed. Perú: Editorial Alfíl, 2021. p. 379-414.
- DALL'ASTA C; GUTIÉRREZ, I. La actividad del docente de educación superior desde una perspectiva clínica. In: NAVARRA, J.; BARNES, F. (Comps.), Cuadernos TAS: Trabajo, Actividad y Subjetividad. Escritos entre pares. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2017.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOREN, D.; GUTIÉRREZ, M. I. Violencia laboral en la actividad docente de la UNC: una mirada clínica a la organización del trabajo. In: Encontro Internacional sobre o Trabalho – EITA. João Pessoa, 4. Anais. Disponível em: <[www.even3.com.br/Anais/eita2022/540594](http://www.even3.com.br/Anais/eita2022/540594)>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- GUIMARÃES-FERREIRA, C. Relação entre produtivismo acadêmico e adoecimento docente. In: PUJOL, A.; GUTIÉRREZ, M. I. (Org.); Trabajo y Subjetividad. Indagaciones Clínicas. 1ªed. Córdoba: Organizado pela Universidad Nacional de Córdoba (E-book), v. 1, p. 86-96, 2015.
- MOURA, J. da S. et al. Precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. **Revista Profissão Docente**, v. 19, n. 40, p. 01–17, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.31496/rpd.v19i40.1242>>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.
- PUJOL, A. La conquista de la salud laboral de los docentes universitarios en el horizonte de transformaciones del oficio. In: Simpósio Internacional Trabalhos, Relações de Trabalho, Educação e Identidade – SINTRE. Online, 9. Anais. p. 3-19, 2022. Disponível em: <[https://sitre.appos.org.br/wp-content/uploads/2022/05/2022-05-20-Gts\\_completo.pdf](https://sitre.appos.org.br/wp-content/uploads/2022/05/2022-05-20-Gts_completo.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2023.
- PUJOL-COLS, L. et al. Riesgos psicosociales en la profesión académica: un análisis interpretativo del discurso de docentes universitarios argentinos. **Trabajo y Sociedad**, Santiago del Estero, n. 33, p. 161-170, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1514-68712019000200161&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712019000200161&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 27 ago. 2023.

RIBEIRO, C. V. dos S. et al. Trabalho na educação superior: precarização e resistências. In: MONTEIRO, J. K. et al. (Org.), **Trabalho, precarização e resistências**. 1ª ed. São Luís: EDUFMA, 2021. p. 110-137.

RISSI, V.; MONTEIRO, J. K.; FERREIRA, V. R. T. Riscos psicossociais no trabalho em programas de pós-graduação stricto sensu públicos e privados. **Trabalho (En)Cena**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 227–247, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/7451>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ROA-CARDENAS, F. L.; GONZALEZ-PUEBLA, F. J. Revisión de investigaciones sobre riesgo psicosocial en docentes universitarios. **Revista Colombiana de Educación**, Bogotá, n. 86, p. 193-210, 2022. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-39162022000300193](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-39162022000300193)>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SANTOS, R. A. **Abordagem clínica da mobilização de competências na atividade de trabalho do docente/gestor**. 305 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SANTOS, R. A. et al. Nuevos ajustes de actividad humana: contribuciones de los enfoques clínicos al trabajo para comprender el mundo laboral en la pandemia del COVID-19. In: CAVERO, C. P.; ARCE, L. T. (Org.); **Mundo Del Trabajo y Las Organizaciones en Transformación: Desafíos Sociales, Políticos y Éticos**. 1ª ed. Perú: Editorial Alfíl, 2021. P. 479-495.

SILVA, E. P. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicologia, Teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 61-71, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516368720150001000](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516368720150001000)>. Acesso em: 28 ago. 2023.

WAZLAWICK, R. S. **Metodologia de pesquisa para ciência da computação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.